

Alianças mudam o estilo solitário do PT

O arco de apoios que o candidato petista ao governo, Cristovam Buarque, costurou para garantir uma vitória no segundo turno pode levar o PT a mudar radicalmente seu estilo solitário de governar. Ganhar as eleições apenas com a colaboração dos tradicionais aliados (PSTU, PC do B, PPS e PCB) provocaria leves alterações no método de administrar o partido, mas com as adesões de última hora do PSDB, PDT e de dissidentes do PPR e PSC, o quadro tenderá a sofrer grandes modificações.

Muito embora alguns petistas insistam em bater na tecla de que as adesões não implicam troca de favores, num eventual governo do PT, Buarque terá que retribuir os apoios. "Por mais que se ache que não, esse tipo de aliança sempre tem uma contrapartida. Imaginar que Maria de Lourdes Abadia não vai querer nada no governo é ingenuidade", admite o ex-candidato no PT ao Buriti, Carlos Saraiva. Um dos poucos a questionar o arco de apoios negociados pelo partido,

o candidato derrotado à Câmara Federal acha que, caso ganhe as eleições, o PT precisará promover uma ampla reunião interna. "Temos que descobrir os rumos, definir as metas e saber até onde esses apoios vão nos levar", assinala Saraiva.

Sem querer entrar no mérito da escolha do secretariado num eventual governo petista, a maioria dos parlamentares do partido considera natural as alianças e apoios negociados durante as eleições. "No segundo turno todos os apoios são válidos, pois, no caso, eles não representam qualquer comprometimento", assinala a deputada Maria Laura, depois de garantir que o estilo "é dando que se recebe" está totalmente fora de questão.

Na mesma linha de raciocínio de Maria Laura, o distrital Wasny de Roure ressalta a importância de o PT conversar com todos os setores da sociedade. "Esse diálogo não significa acordo, cargos ou conchavos. Quem veio para o nosso lado com essa perspectiva vai se ar-

repender". O parlamentar também garante que o PT não colocou em jogo seus pontos de vista. "Isto não será revisto. Não assumimos e nem assumiremos compromissos. Não temos nada para barganhar", sustenta, lembrando que esta opinião é defendida não apenas pelos petistas, mas por todos os partidos da Frente Brasília Popular.

O distrital reconhece que o leque de alianças inclui o PSDB, passa pelo PDT e PPR e chega até o PMDB de Goiás. Como o PT de Goiânia promete apoiar Maguito Vilela, a contrapartida será os pemedebistas do Entorno apoiarem Cristovam Buarque. "Essa e outras adesões são bem-vindas", completa Wasny de Roure. Preocupados com os rumos das negociações da Frente Brasília Popular neste segundo turno, o PSTU começa a esboçar sinais de insatisfação com a profusão dos apoios. Por enquanto, a insatisfação tem sido guardada a sete chaves, mas o partido quer se reunir com o conselho da coligação tão logo acabe a eleição.

Evaristo Sá



Ribamar desentendeu-se com a cúpula do partido e agora, isolado, prega o voto nulo no 2º turno